

Todos estamos convencidos, embora não o confessemos, de que o Sol nasce só para nós.

ANO V — N.º 137

OUTUBRO

13

1957

AVENÇA

A VOZ DE LOULÉ



SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIÃO
Rua Tenente Valadim, 30-1.º Esq.
Telefone 154 F A R O

DIRECTOR
JAIME GUERREIRO RUA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
JOSÉ MARIA DA PIEDADE BARROS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
GRÁFICA LOULETANA
Rua da Carreira, 42-44
Telefone 216 LOULÉ

DEPUTADOS PELO ALGARVE para a próxima legislatura

Nas próximas eleições de deputados à Assembleia Nacional pelo círculo eleitoral de Faro, candidatam-se, por lista apresentada pela União Nacional, os srs. Coronel Manuel de Sousa Rosal, Engenheiro Sebastião Garcia Ramires, comandante Henrique Tenreiro e Dr. Mário de Oliveira, que presentemente desempenha as funções de presidente da Junta Nacional do Vinho.

Os tres primeiros têm representado o Algarve em várias legislaturas e são personalidades há muito conhecidas na Província sendo até o sr. Coronel Rosal, nosso illustre conterrâneo, o único deputado algarvio por nascimento de quantos a U. N. apresentou em todo o País.

Aquele e ao sr. Eng.º Sebastião Ramires deve o Algarve já assinalados serviços, quer pelas suas intervenções na Assembleia, quer pela assistência que sempre têm dado aos problemas do Algarve.

O sr. comandante Tenreiro, como presidente da Junta Central das Casas dos Pescadores tem prestado desvelado carinho à numerosa classe dos pescadores de todo o País e cremos que, dentro em pouco, chegará a Quarteira a sua vez de ver criado um bairro, a que aliás tem direito, pois é um dos mais populosos meios piscatórios e que, certamente, não sai da atenção de quem, pela 3.ª vez, vai ser eleito deputado por este círculo.

Novo, portanto, no elenco, é o sr. Dr. Mário de Oliveira.



FARENSE, 2

PORTIMONENSE, 1
Sob a arbitragem do sr. Eduardo Gouveia e com o campo repleto de gente realizou-se no passado domingo no Estádio de São Luiz, em Faro, o encontro entre o Sporting Farense e o Portimonense, tendo as equipas as seguintes constituições:

FARENSE — Isaurindo; Reina e José Maria; Vieira, Ventura e Bento; Armando, Balela, Remígio, Rialto e Quelgado.
PORTIMONENSE — Daniel; Luz e Rebelo; Argumínio, Coelho e Di Paola; Camarinha, Mendança, Romão, José António e Alexandrino.

A saída coube aos visitantes que desenvolveram desde o princípio ao final do 1.º tempo boa técnica de jogo principalmente na sua linha avançada só não tendo conseguido goals dada a boa actuação da defesa do Farense que tiveram de executar trabalhos extenuantes. Aos 8 minutos com Isaurindo batido e José Maria mal colocado o Portimonense podia ter aberto o seu activo, no entanto a bola saiu ao lado e só aos 30 minutos apareceu o seu primeiro e único goal. Até ao final da 1.ª parte o Farense procurou igualar o marcador, não o tendo, porém, conseguido.

Recomeçado o encontro viu-se o Farense a recarga ao passo que o Portimonense remeteu-se à defesa do resultado conseguido no primeiro tempo e aos 10 minutos Quelgado marca o 1.º goal do Farense, e recebendo a bola de

(Continuação na 3.ª página)

veira que vem ocupar um dos lugares que a U. N. reserva, em cada círculo eleitoral, para pessoa não ligada ao meio com o fim de tornar este conhecido por estranhos e de atenuar os regionalismos na representação nacional.

Folgamos com o facto de tal escolha ter recaído em quem, ocupando um lugar de comando num organismo de que depende parte da economia agrícola do Algarve, já conhece um dos problemas que mais aflige os algarvios.

Contactando conosco e representando a Província na Assembleia Nacional, estamos certos que em S. Ex.ª encontraremos não só uma voz que nos defenda como também uma inteligência esclarecida e uma vontade poderosa para, sem favoritismos, e antes com espírito de verdadeira justiça, equacionar (e até resolver) alguns problemas do Algarve.

De breve conversa que em exercício de função oficial tivemos há pouco com o Dr. Mário de Oliveira, ficou-nos a convicção de que o nosso futuro 4.º deputado quererá e saberá representar o nosso Algarve como ele merece.

LICEU NACIONAL DE FARO

Da Reitoria do Liceu Nacional de Faro pedem-nos a publicação da seguinte notícia:

A publicação do Decreto-lei n.º 41.192, que se refere à obrigatoriedade ou dispensa de matrícula de alunos externos do ensino liceal, deu origem a equívocos que estes serviços têm esclarecido, à medida que os interessados vão aparecendo e expondo os seus casos individuais.

Podendo, todavia, suceder que alguém venha a ser prejudicado por uma má interpretação — sua ou alheia — daquele diploma legal esclarece-se o seguinte, de acordo com o texto do Decreto referido e com as Circulares n.º 2.120 e 2.128 da Direcção Geral do Ensino Liceal.

a) — Em geral ficam sujeitos a matrícula anual nos estabelecimentos de ensino oficial todos os alunos do ensino externo com menos de 21 anos de idade antes do início do ano escolar que pretendem fazer exame.

b) — São, contudo dispensados dessa matrícula:

1) — Todos aqueles que, completando 18 anos antes do início do ano escolar se encontrem empregados. Desta situação terão de fazer prova por declaração da entidade patronal, confirmada pelo Sindicato respectivo.

2) — «Os alunos que provêm ter iniciado sem matrícula oficial, ao abrigo da legislação anterior, os estudos do 1.º ou do 2.º ciclo dos liceus...» (parágrafo 4.º do art.º 1.º do Decreto n.º 41.192).

c) — «Poderão ser autorizados a matricular-se nos 2 anos do 3.º ciclo do ensino liceal os alunos que completarem 20 anos até 15 de Junho do ano lectivo em que se matricularem...» (parágrafo 2.º art.º 1.º da legislação citada).

d) — «No ano lectivo de 1957-1958 podem matricular-se cumulativamente no 6.º e no 7.º anos os alunos que tenham sido aprovados anteriormente a 1957-1958 nas 2 secções do 2.º ciclo, embora com deficiência numa disciplina

QUARTEIRA a praia de Loulé

II

No artigo anterior, concluímos, que, o ponto de partida para todo o progresso e desenvolvimento de Quarteira como estância de Turismo, consistia única e especificamente na aprovação completa imediata e urgente do Plano de Urbanização apresentado pelo arquitecto Paulo Cunha.

Um Plano de Urbanização — como se disse e insiste — não é apenas um planeamento de ruas e alinhamentos, como muita gente presume, mas também um estudo completo com elementos colhidos da estatística e das Repartições competentes. Sobre climatologia, mormente demográficos, fenómenos erosivos, geológicos, modo de vida e comportamento dos naturais e frequentadores, actividades comerciais, industriais e desportivas existentes e susceptíveis de desenvolvimento, tendências dominantes sobre radicação ou erradicação dos habitantes, tudo o que se prende enfim, com a vida, movimento e acção passada, presente e futura

de uma povoação. Conjugados e apreciados todos esses elementos, são então estudadas as localizações dos motivos que interessam, ponderadas todas as consequências e determinantes daquele estudo e estabelecida uma distribuição conveniente, pertinente e aconselhável das partes que interessam à vida da localidade sob qualquer aspecto que se encare.

Todo este exórdio visa apenas a demonstrar que um Plano de Urbanização não é um trabalho para ser considerado «à priori» em face de uma simples apreciação de linhas, de um melhor ou pior colocação de prédios e trajectos ou orientação de ruas, a que todos se julgam acessíveis e em que todos querem pontificar.

(Continuação na 4.ª página)

QUARTEIRA... EM RETRATO

Este jornal, pela pena do seu colaborador — assistente Reporter X, veio de novo falar nas deficiências da nossa Praia, deduzindo, em resumo, que a sua magnífica assistência turística era...

Passada a época balnear, será altura de efectuar um exame retrospectivo do que se desejava fazer, como se disse por 2 vezes neste jornal — em 21 de Abril e 4 de Agosto últimos — e aquilo que se não fez.

BOA ILUMINAÇÃO

Não admira que a rede eléctrica de Quarteira, que é propriedade da Junta de Turismo, ainda não esteja ligada à de alta tensão, porque também não está a da Sede do Concelho, cuja Câmara há mais de 2 anos pensa no assunto, nem era no curto espaço de 5 meses — visto que tomámos posse em Abril último — que era possível conseguir-lo.

Aguardamos no entretanto que a nossa Câmara informe das condições em que nos pode fornecer a energia em alta tensão, quando a sua rede estiver nas Quatro Estradas, no fim da 2.ª fase de electrificação do Concelho.

E, a propósito, devemos esclarecer Reporter X que a exploração da energia eléctrica em Quarteira não é deficitária para a Junta de Turismo, — antes pelo contrário — não obstante se receber apenas 5 mil escudos por ano para iluminação pública.

E se não está tão bem iluminada como desejáramos, é preciso notar que Quarteira é a única freguesia rural do Concelho com iluminação eléctrica.

Esperamos que, em qualquer circunstância, este problema do

Escola Técnica

Trabalha-se activamente nas obras de adaptação da velha Escola do Conde de Ferreira, na praça da República, para aí ser em breve instalada a Escola Técnica de Loulé a que, segundo julgamos, será dado o nome de Duarte Pacheco.

Os candidatos a exame de admissão são já perto de 100, excedendo-se assim o número previsível que serviu de base à justificação da escola. Sabemos ainda que alguns estudantes matriculados na escola de Serpa Pinto, em Faro, aguardam a abertura da nossa escola, para pedirem a sua transferência para a sua terra.

As nossas entrevistas

«Estou certo

de que o funcionamento da Escola Técnica, em Loulé, muito deve contribuir para o progresso do artesanato, do comércio e indústria do concelho, elevando o nível social do meio louletano.»

Diz, à «A VOZ DE LOULÉ», o antigo Presidente do Município Louletano, Sr. Dr. Maurício Serafim Monteiro.

(Uma entrevista de Luis Sebastião Peres)

Já aqui o afirmámos ser, a Escola Comercial e Industrial, agora creada, um dos mais belos e importantes melhoramentos que Loulé conseguiu nestes últimos 50 anos.

Assim no-lo dizem as pessoas a quem temos solicitado os seus depoimentos.

A reforçar a nossa afirmação, damos hoje à publicidade mais um depoimento que, não se tratando de um natural da «Notável e Honrada» vila de Loulé, é, de alguém, a quem a vila louletana



ficou a dever valiosos serviços quer, como Presidente da Junta de Turismo da Praia de Quarteira, quer como Presidente do Município louletano: o Sr. Dr. Maurício Serafim Monteiro.

Teve este nosso amigo e prestigioso algarvio, durante os nove meses que chefiou a administração municipalista louletana, parte importante no conseguimento deste melhoramento, organizando a Grande Comissão que se deslocou a Lisboa.

Logo, era de toda a justiça, trazer para as colunas do jornal da terra onde viveu uma vida inteira e criou fortes amizades, o seu depoimento, que não só traduz o seu pensamento, como também o seu muito amor a Loulé, por quem tanto pugnou, e de quem, — embora distante — se confessa grande amigo.

Procurámo-lo na 2.ª Conservatória do Registo Civil, em Lisboa, onde, presentemente, desempenha as suas funções públicas.

Uma vez posto ao facto da missão que ali nos levava, imediatamente se pôs à nossa disposição, confiando-nos o depoimento que se segue. Ouvimo-lo, pois.

«Vem já de muito longe a minha simpatia pelas escolas técnicas. Logo após a minha formatura em 1917, ao ser entrevistado pelo «Diário de Notícias» pugnei, entre outras coisas, pela criação de algumas escolas técnicas na nossa província do Algarve. Neste sentido iniciava breve uma campanha na imprensa de Silves, dando lugar à criação da actual escola Comercial e Industrial nesta cidade.

(Continuação na 4.ª página)

Margarida Gautier

Vi Margarida Gautier. Surgiu-me de surpresa no cinema. Depois de Alexandre Dumas (Filho), nunca mais a vi... Como está diferente, da costureirinha de Coq-Héron, que conheci, por apresentação de Paul Godeaux e de Pécarré. Lembra um «Picasso», mas um Picasso sério, dos seus tempos de «azul-rosa...»

Revolvida do seu túmulo de Montmartre, a gelatina voltou a «pintala», a revive-la, num outro amor diferente do seu, destemperado do romantismo de 1845, coevo de Liszt, Chopin, Musset e quejandos, para uma «fotografia» em estilo 1957...

De tudo despojaram essa «humilde Margarida», desde o título de condessa de Perrégaux à sua casa do Boulevard da Madalena. Ainda se ao menos lhe chamassem Afonsina Plessis ou Maria Duplessis... Mascaram-na, davam-lhe um aspecto diferente. Mas não, o cinema não esteve com escrupulos. Foi ao livro do seu baptismo — A Dama das Camélias — e chamou-lhe simplesmente «A Mulher das Camélias». De Dama a mulher... Como tem descido nas mãos de certos adaptadores as coisas sagradas duma literatura séria.

Deste modo, a figura predominante dessa Paris, que viveu a intimidade das mais altas influências da primeira metade do século XIX, desde Alexandre Dumas (Filho), ao Duque de Gramont, ministro dos Negócios dos Estrangeiros de Napoleão III, foi despida até ao «maillot» dos nossos dias...

Pobre Margarida!... Doida por tantas judiarias, enlouquece para regressar ao sepulcro nas águas sonolentas, por um entardecer triste e mole.

A mulher dos «homens ricos», dos «bambons glassés», e das «camélias» revive uma injúria sem nome, paga cara a sua predilecção pelos homens sem coração, pelos bambons sem gosto e pelas flores sem perfume.

O seu maior amor — Armando Duval — surge-nos pianista, galga as escadas da celebridade, depois de passar pelo jazz... Assim, os bars de «Chateau Rouge», de «Jardim Dourlen», de «Bal du Capucin» e do «Vauxhall», gritantes de luz, de serrotes e de cornetas, são uma caricatura de mais bela página de amor — uma negação ao mundo desse Bairro Latino, onde os artistas se sobrepunham à fome e ao desconforto para sobreviverem à glória.

A Margarida da ópera e do Bógival, longe do seu 5.º acto, esverdeado, de figurinha de cera, apagando-se como as velas que vão dando luz e vão morrendo, enlouquece...

Os microfones, a rádio, as locomotivas «Montanha», as gares «du Nord», de «Austerlitz», pesadas de comboios expressos e de silvos estridentes, tornam Gautier uma figura abstracta, estranha à época atómica que vive-mos, e resolve suicidar-se...

Olhei Margarida Gautier e tive pena dela... Apenas as camélias

(Continuação na 3.ª página)

«Loulé... em retrato»

Loulé é uma terra de violento trabalho que bem merecia servir de exemplo e incentivo a outras.

Povo de actividade permanente, de constante movimento e labor, todos procuram um mister, uma ocupação, uma maneira ou modo de viver, filha da iniciativa e do esforço febril.

Inumeras industrias de artesanato como as de empreitada, do esparto, da pita, do cobre, das pomadas para calçado, das perfumarias, do fabrico de licores, do calçado, das flores artificiais, dos bordados, da olaria, dos tapetes de trapo, das cadeiras de tabúa etc..

Comerciantes individuais de peixe, de frutos, de obra de palma, de medronhos, de aguardentes, de mel, de gados, de tudo enfim que se presta à actividade mercantil.

Quem, de manhã cedo, começa a contemplar o movimento e a adaptação deste formidável fogueiro humano, fica surpreendido com a vida de Loulé.

É que aqui a vida maior, depende da actividade e da «jenica» de cada um, do seu esforço ou habilidade pessoal, uma vez que não há grandes concentrações industriais.

Terra em que todos labutam e fazem pela vida, é um exemplo de actividade estuante e extenuante que constitui a melhor coroa de glória e a mais legítima e galharda insígnia de que qualquer terra se pode orgulhar.

Discos do teatro. Continuemos a tocar o disco do disco, até termos uma cabal satisfação. Prometeram-nos discos novos e enquanto os não ouvimos, vamos sempre falando no disco.

Será ao menos uma espécie de represália por ouvirmos os mesmos discos há mais de 10 anos.

Eles bem nos importunam há tanto tempo e nós só há três semanas que os importunamos.

Mas, começámos agora e temos portanto mais vitalidade para reclamar. E... segue o disco.

Alegria-nos saber que a Escola Técnica tem frequência assegurada.

Foi com alegria que soubemos estarem inscritos alunos em número suficiente para o seu funcionamento.

Oxalá o seu enorme valor para a cultura do operário de Loulé, se accentue progressivamente.

Quando no último número fizemos reparos ao deminuto numero de inscritos, não o fizemos por prazer e sim por desalento ou temor de que

não justificasse uma iniciativa de tão grande projecção para a educação dos louletanos.

Nós somos ainda daquele bom tempo em que se dizia: «Se te é penoso criticar um amigo, justifica-se que o faças...mas, se isso te dá alegria, não deves fazê-lo».

Tem havido ultimamente uma vaga de incêndios que não tem deixado a Corporação dos Bombeiros tempo para folgas. E, justiça lhes seja feita, que têm acorrido prontamente a todos os sinistros e os seus socorros tem sido primorosos, ao que temos ouvido.

Deveria incitar-se mais o desenvolvimento desta prestante colectividade, quer admitindo novos supras, quer melhorando o seu material, porque uma colectividade desta natureza merece a maior estima respeito e auxílio dos seus concidadãos.

Poderia, por exemplo, estimular-se essa inscrição, subsidiando os bombeiros, com uma verba para o aluguer das suas casas, enquanto supras com uma elevação de salários para os que passassem a prontos.

No último número de «A Voz de Loulé» falou-se e muito bem no Miradouro da Picota.

Causa realmente pena que um ponto de vista tão belo e tão raro no Algarve não tenha um acesso capaz e eficiente.

Já há anos se recomendara ao técnico da Câmara para apressor o projecto prevendo a regularização de actual terraplenagem, empedramento e revestimento betuminoso e nunca mais se ouviu falar em tal.

É realmente pena que se esteja a perder um trunfo turístico do concelho, quando eles não são nunca demais:

Voltemos mais uma vez à CEAL.

Porque é que a Câmara não estabelece já um acordo transitório com esta Empresa para passarmos a ter energia em quantidade suficiente e qualidade eficiente? Custa pouca pedir um transformador alugado ou emprestado e colocá-lo na cabine da Central.

E seria gentil e lisongeiro que a Câmara de Loulé, retribuísse com este gesto de estima e compreensão o melhoramento que para nós representou a escolha da nossa terra para sede da Subestação do Algarve.

Reporter X

Furgoneta

Vende-se uma furgoneta Peugeot (caixa aberta) com pouca quilometragem, em muito bom estado. Preço muito acessível.

Tratar com Manuel Anica — Loulé, ou com o proprietário Etelvino Lopes — Cruz da Assomada — Loulé.

Carta do Porto

Mais um teatro que vai deixar de o ser...

Com o Teatro Sá da Bandeira do Porto, são três a abater ao efectivo. É uma tristeza!

Um apontamento, uma crónica para melhor dizer, escreveu Guilherme Carvalho num jornal da capital, (ao que me parece este é um ferrenho portista e também um grande português amigo do teatro). Pois bem: o título é desanimador «o único teatro do Porto, vai também deixar de o ser...» diz e muito bem... mais um teatro a desaparecer. Mais um teatro transformado em cinema — essa gigantesca indústria que aniquila épocas de bom teatro e desfaça de forma tão repentina sonhos, alguns deles com grandes esperanças! Mas o teatro não volta!

Com o desaparecimento do Teatro Sá da Bandeira do Porto, contam-se três, é fácil a contagem, um dos quais, o Apolo de Lisboa, na castiça Rua da Palma, sofre agora os golpes das picaretas que sem arte alguma matam toda a sua bela história. Um outro, o Trindade, também de Lisboa, transformado em cinema como que por falta de tais espectáculos se lutasse em Lisboa. Segue as pisadas dos velhos teatros de Lisboa, o Sá da Bandeira do Porto, o único até existente na cidade invicta. Vamos para o cinema só cinema, não temos teatro!

Que problemas se estão levantando no teatro português! Como se não bastasse a ruína, a decadência do meio teatral, os problemas de certa ordem graves donde ainda se espera com um sorriso simples, o último instante que ditará o fim ou um novo princípio: que saudade, que desejo se sofre ver teatro português.

É pena! Agora o Sá da Bandeira, o familiarizado Sá da Bandeira mais conhecido pela gente nortenha por Teatro do Príncipe Real, vê agora abalada toda a sua fama, morre ao lado do Apolo mesmo que em funeral diferente, não tem tanta beleza, é menos brilhante o seu enterramento. O Sá da Bandeira, da sua história, essa ganha com arte e saber, teve o melhor teatro. Por ali passaram artistas de nome internacional como: Itália, Vitaliani, Zacconi, Eleonora Duse, e os nossos melhores Rosas, Brazão, Ferreira da Silva, Chaby e Adelina Abranches e tantos outros que a história não dita...

É este o caminho a seguir pelos nossos teatros? O abandono à causa teatral e que causa, passou a mesma a ser! O cinemascopo transformou os empresários, chamou-os até si... é o que se conclui para aliar ao que se passa com o teatro português propriamente dito e tudo se encaixa na forma de um arrefecimento total. Por esta leva, tudo vai no sabor do cinema, ele dá coisas diferentes, figuras mais belas, menos realistas e talvez também menos educativas: dentro de pouco tempo, cá estaremos para ver e afirmar então — não há teatros em Portugal nem são precisos... será esta a frase do dia...

Francisco Cota

Maria Dulce volta a filmar em Portugal

A jovem artista portuguesa, Maria Dulce, que nos últimos anos tem desenvolvido a sua actividade em Espanha, votou há dias a Lisboa, especialmente contratada para desempenhar um dos principais papeis do novo filme nacional «O Homem do Dia», cujos trabalhos terão início no próximo dia 13.

Maria Dulce que se estreou como artista com 14 anos de idade, no filme «Frel Luís de Sousa» e que no País vizinho tem actuado em vários filmes, no teatro e na televisão, trabalha pela segunda vez nos estúdios portugueses, agora sob a direcção de Henrique Campos e tendo como parceiro o ciclista ALVES BARBOSA, figura central da película. A sua chegada a Lisboa, a simpática actriz, que faz este mês 21 anos de idade, manifestou a sua alegria por voltar aos estúdios nacionais, que foi sempre o seu maior desejo, desde que, há oito anos, partiu para a capital espanhola.

Deseja ficar bem servido nas vossas pinturas?

Utilize DYRUP

Tintas para todos os fins desde 18\$00 cada quilo

Representante exclusivo em LOULÉ

L O U L É

Dr. Lélío Marques

Médico Estomatologista

Interno dos Hospitais

DOENÇAS DA BOCA E DENTES

CIRURGIA ORAL

Consultas no Hospital da Santa Casa da Misericórdia

De manhã — todos os dias úteis

De tarde — 3^{as}, 5^{as} e Sábados, das 16 às 19 h.

QUARTEIRA... EM RETRATO

(Continuação da 1.ª página)

e, depois, de muita propaganda. Conhece por acaso Reporter X um Banco — ou os capitalistas que, a exemplo do algarvio Vinhas Cabrita, queiram empatar para cima de mil contos na construção de um imóvel e no seu apetrechamento — visto que o hotel de Albufeira irá custar mais de 4 mil contos?

A título de novidade, devemos esclarecer que na Secção respectiva do Secretariado Nacional de Informação se pensa em aproveitar as magníficas condições climáticas do Algarve, a sua paisagem e as demais condições naturais, para aqui se construam os hotéis que dêem à nossa Província o lugar de 2.ª Ilha da Madeira.

Que este jornal seja eco desta notícia e que aqueles que desejarem dedicar-se à exploração desta indústria, e ganhar dinheiro, comecem por aprender a arte de bem receber e a ciência de contabilizar, frequentando a Escola de Hotelaria por intermédio do SNI, sem encargos de maior para o tirocinante.

LIMPEZA DA PRAIA

Está, como se sabe, a cargo dos banheiros que dependem da autoridade marítima a qual, segundo o Código Administrativo, é vogal-nato da Junta do Turismo. Remeto para esta autoridade o peso da crítica, como já anteriormente o fizera.

O mau aspecto que a proximidade dos barcos e redes de tremalhos dá à praia de banhos próxima, também foi transmitido às autoridades marítimas, até mesmo através deste Jornal, as quais alegaram que somente era possível evitá-lo com o desaparecimento do meio-arruinados edifícios da Praia de Pesca — até mesmo nos escassos 2 meses de Agosto e Setembro, da época balnear...

Como, por outro lado, não existe Plano de Urbanização aprovada — o que se aguarda há mais de uma dezena de anos e está a cargo da Câmara Municipal — esta não poderá proceder à expropriação desses edifícios.

É a propósito, uma sugestão a quem de direito: porque não se pensa na construção de um bairro para pescadores, a poente da Praia, onde o «esboço» do Plano de Urbanização o situa, para justificar a imediata transferência de todos os barcos para essa zona?

Deixo o alvitre à Câmara e à Junta Central dos Pescadores, visto que é altura de Quarteira, que vai inaugurar o seu Centro de Assistência Social, ver também resolvido o seu instante problema de alojamentos para os Pescadores, cujo número, de cerca de 900, é superior ao de outros centros piscatórios algarvios que já possuem tais bairros.

ASSEIO NAS RUAS

Já dissemos neste jornal, por mais de uma vez, que uma das preocupações do signatário era a

falta de higiene que se notava na povoação.

Para quem viva fora de Quarteira e está habituado a frequentar Praias onde a higiene não é uma palavra vã, extranha a enorme quantidade de moscas que normalmente existem nas habitações desta Praia.

Conseguiu-se já eliminar os pequenos mosquitos que se criavam nas valas e nas águas estagnadas, graças à acção dos Serviços de Higiene Rural, de Loulé, a cargo do sr. Dr. Manuel Correia, a quem devemos ficar muito gratos.

Para exterminar as moscas, tão repelentes, aumentaram-se os meios de recolha dos lixos, adquirindo-se uma carroça de tração animal e apelou-se, por meio de um edital, para a colaboração dos habitantes, afim-de evitarem as estrumeiras nos seus quintais, construindo fossas nas casas que as não tinham, etc..

Esperamos que, através da Câmara Municipal, a verba e a vontade que a nossa Junta de Freguesia dispuser no próximo ano para melhorar os Serviços de limpeza geral da povoação, sejam substancialmente aumentados.

É preciso não esquecer que a Freguesia de Quarteira possui um dos maiores aglomerados de povoação do nosso Concelho, bastando dizer que a sua população escolar quase igualada à da Sede do Concelho. Por isso se justifica que a Rede de esgotos seja montada quanto antes.

BONS BAILES NA ESPLANADA

A Junta de Turismo contratou uma boa Orquestra e a animação que esta imprimiu aos bailes segundo diziam os frequentadores das outras Praias algarvias, não receava confronto.

Outros o disseram também neste Jornal.

Pensa a Junta, de acordo com o Plano de Urbanização, construir na própria Esplanada, uma sala fechada, num primeiro andar, de amplas janelas rasgadas para o mar, e também para o recinto do dancing, e que sirva não só para instalar os serviços da Junta de Turismo, mas também de sala de leitura, sala reservada para exposições culturais e de reunião dos frequentadores da Praia, que prefiram o ambiente mais seleccionado do que o do café-restaurant em frente.

Ao mesmo tempo, podem os seus frequentadores gozar da audição da boa música do dancing da Esplanada.

Como Reporter X pode apreender do que se explicou, o mais resumidamente que nos foi possível — mas onde quizessem ser sérios, objectivos e fundamentados — não foi só no hino que se ficou a nossa actuação durante os escassos 5 meses de dirigente da Junta de Turismo.

Decerto que leu em número anterior deste jornal que a Canção da Praia de Quarteira, quando ouvida através da Rádio, como se pretende, para fazer propaganda da Praia, havia de ser

Para RIR...

— Camões foi notável, principalmente porque, meu filho?

— Pela grande memória que tinha.

Oh, não digas tolices...

— Sim todas as estátuas que lhe têm levantado são à sua memória...

Num restaurante dois amigos comem mayonaise.

Ó Carlos, ouve lá: as azeitonas pretas tem patas?

— Não, que ideia!...

Então... foi uma barata!

O Dr. Flores de Lems, professor de Direito em Madrid, perguntava às vezes aos seus alunos:

Pode um homem casar com a irmã da sua viúva?!

E a resposta era às vezes afirmativa.

— Onde vai com esse cobertor

— Ao Banco, Acabo de saber que a minha conta está a descoberto.

Juiz: — Quantas vezes esteve preso?

— Nove sr. juiz.

— Nesse caso vou dar-lhe a pena máxima.

— Máxima? Então os fregueses habituais não costumam ter abatimento?

O SEGURO

Um agente de polícia zeloso (ou rancoroso) levantou um auto de infração a sua própria mulher por estacionamento em sentido proibido. Pediu, no entanto, como favor oficial que o seu número não fosse mencionado na informação, para evitar uma cena doméstica... suplementar.

Ao esbanjar a fortuna da mulher ele quiz provar que não se casara por causa do dinheiro...

Eram dois gémeos. Estava-se na hora do banho, e da cama deles ressoaram, simultaneamente, risadas de alegria e altos choros de consternação. O papá, acudiu, para saber do que se tratava.

— Que vem a ser isto aqui?

perguntou ele.

— O gémeo risonho apontou para o irmão choroso, e disse:

— Não é nada, papá; foi a criada que deu dois banhos ao Alexandre e a mim não deu nenhum.

Vejam as delícias futuras prometidas àquelas que foram tentadas a responder a este atraente anúncio: Empregado, 31 insuficiência hepática, filho único, mãe viúva, 70, reumatismo nos pés, com um bom coração correspondente-se-ia com menina compreensiva.

Embora dissessem que não, ela era uma rapariga que sabia muito bem guardar um segredo: dizia as coisas só a uma pessoa de cada vez.

vir também, não para adormecer ainda mais certas vontades que podiam e deviam estar mais despertadas, mas sim para as dinamizar e insuflar-lhes uma maior acção realizadora.

A. S. Pontes

P. S. — Está aberta a inscrição na Sede da Junta de Turismo de Quarteira, para os louletanos que queiram subscrever acções duma empresa que pretende construir um hotel nesta Praia, com a maior rapidez possível, e que é considerado indispensável para veraniantes e turistas no resto do ano.

1/X/957

Para os seus seguros PREFIRA «MUNDIAL»

O maior organismo segurador português

Seguros em todos os ramos Agente em Loulé

José de Sousa Pedro

Rua 5 de Outubro, 29 a 33

Transportes de Carga Louletana, L.^{da}



Largo Tenente Cabecadas — Telef. 30 e 17

LOULÉ

AGÊNCIA EM LISBOA:

Rua de S. Mamede, 24-D (ao Caldas)

Telefone 22437

Agência em Olhão:

Avenida 5 de Outubro, 22-A

Telefone 193

Não compre

Móbilias ou adornos

para o seu lar

sem que tenha apreciado a grande exposição da casa

HORÁCIO PINTO GAGO (antiga firma PINTO & PEREIRA)

Avenida José da Costa Mealha — LOULÉ

MOBÍLIAS — ESTOFOS — TAPEÇARIAS

Agente do famoso produto SYNTECO

(que resolve o problema do encerramento periódico)

Preços fora da concorrência

As mobílias são entregues em casa do cliente em furgoneta própria da casa

MOBILIAS

Em todos os estilos, das melhores madeiras e com o mais perfeito acabamento, encontra V. Ex.^a em exposição permanente na

CASA MATIAS

Telef. 210 — LOULÉ — (próximo ao Hospital)

Estofos, decroações, tapeçarias, oleados, quadros, candeeiros e ferragens para móveis
Colchões MOLAFLEX Mesas e cadeiras para CAMPISMO e PRAIA

Preços reduzidos em todas as concorrências

Ninguém vende melhor nem mais barato

COLOCAM-SE AS MOBILIAS EM CASA DOS CLIENTES

Execução perfeita de todos os trabalhos de marceneiro, polidor e estofador



Cantinho

D A S

Leitoras

ECONOMIA DOMESTICA

As luvas da borracha nunca devem ser guardadas, sem as lavar muito bem com água morna e sabão, polvilhando-as depois tanto do direito como do avesso com pó de talco.

— Se umas gotas de água caírem no soalrado ou num móvel encerrado não tarde em limpá-las, passando, logo em seguida, um pouco de cera sobre a parte manchada.

— Há uma maneira muito prática de limpar fios ou correntes de ouro: consiste em esfregá-los com escova macia água de sabão. Em seguida enxugam-se cuidadosamente limpando-os com um pano de flanela.

MEDICINA CASEIRA

Para curar os terçolhos aplique sobre os mesmos uma cataplasma de polpa de maçã, aquecida.

— O limão cortado às rodela, polvilhada de açúcar, é um ótimo atenuante das anginas.

PUDIM DE BISCOITOS DE «LA REINE»

Esfarelam-se numa caçarola 250 gramas de La Reine, juntam-se 140 gramas de açúcar e 6 decilitros de leite a ferver. Mexem-se a ligar tudo bem ao lume. Estando ligado, tira-se do lume e juntam-se 140 gramas de frutas cristalizadas cortadas miúdo e 20 gramas de passas de Corinto que se puseram por meia hora em maceração em dois decilitros de Kirsels. Escorrendo-se bem do Kirsels juntam-se mais 100 gramas de manteiga fresca derretida e 3 gemas de ovos. Bate-se tudo bem, juntando por fim 3 claras batidas em castelo e deitando-se numa forma de pudim lisa, untada de manteiga e um pouco de pão ralado. Coze-se em banho de Maria e serve-se com um molho de alperce.

SALADA DE PIMENTA A «AN-DALUZA»

300 gramas de arroz que se coze com água e sal e que se deixa deixando arrefecer no fundo da travessa de serviço, colocando por cima 2 a 3 pimentos cortados às tiras e 2 a 3 tomates medianos também cortados, sem peles nem pedides, crus, ou assados previamente, conforme o gosto. Tempera-se com 4 colheres das de sopa de azeite, 2 iguais de vinagre, outra de salsa picada, uma, das de chá, de sal fino, meio grama de pimenta moída, um alho esmagado e uma cebola pequena cortada a miúdo.

Graça Maria

VENDE-SE

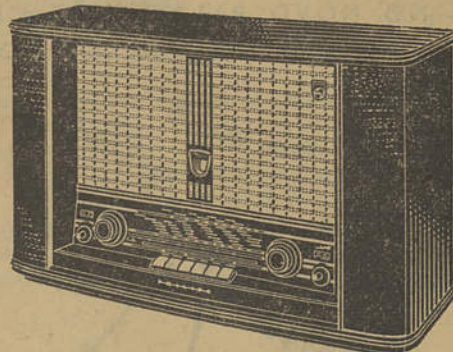
UMA CASA com frente para a Avenida Marçal Pacheco e Rua Eng. Duarte Pacheco, com 6 divisões e armazém.

Tratar com José Águas Pereira — LOULÉ.

PHILIPS

A GRANDE MARCA DE RENOME MUNDIAL

Modelo B X - 758 - A



Canais separados!
Amplificadores separados!
Altofalantes separados!

Onze válvulas
Receptor Biamply (isento de distorção)

2

Esc. 3.850\$00

Qualquer que seja a marca e estado, o seu velho rádio valerá 750\$00, em troca com este modelo

Consulte o Agente oficial da Philips

José Guerreiro Martins Ramos

Rua de Portugal, 31

LOULÉ

RÁDIOS PORTÁTEIS TRANSISTORIZADOS (baixo consumo)

AUTO-RÁDIOS / RÁDIOS para corrente / RÁDIOS desde 1.595\$00 / desde 1.095\$00 / para bateria

Rádiorafones, Gira-Discos, Aspiradores, Enceradoras, Máquinas para barbear

GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO

Ginginha

e Eduardino

das Portas de Santo António

As melhores bebidas do País

Vende por atacado e a retalho

M. Brito da Mana

Telefone 18 LOULÉ

Prédios Alugam-se

Um 2.º andar, após obras de completa remodelação, no Largo Gago Coutinho, n.º 2.

— Armazém muito espaçoso, no n.º 4 do Largo Gago Coutinho, confrontando para a Avenida José da Costa Mealha.

— Uma garagem, na Avenida Marçal Pacheco.

Tratar com o proprietário António Francisco Contreiras.

Dr. Teodoro de Sousa Pedro

CLÍNICA GERAL

Consultas:

Casa de Saúde «Dr. António Frade»

das 15 às 18 horas

Telefone 52

Residência: RUA 5 DE OUTUBRO, 67 — Telef. 196

LOULÉ

Margarida Gautier

(Continuação da 1.ª página)

continua a identifica-la. O seu rumo tortuoso pelas ruas de Saint Germain, embaçadas de sombra, colocando-a à esquina do pecado fácil, despido de bibelots, couros de Cordova e toda a sua deusa, avaliada em 89.017 francos, é uma afronta.

Como ririam do seu ridículo as suas rivais se a olhassem duma primeira platéia de cinema nesse filme, em que ela sai esmagada das mãos pouco escrupulosas desse realizador. Nem a Clement Prad lhe deu, como «Prudência», na sua triste sina de revidada...

Mas regosigemo-nos! Essa Margarida, intrusa, morreu com o findar da metragem de celuloide. A outra continua a reviver, tal como há 105 anos, Alexandre Dumas (Filho), desenhou-a na inspiração eterna dos cinco actos da sua peça, retratando-se a si e à sua paixão, numa admirável série de oleografias de sonho, que as grandes baguetes da boca de cena dos mais célebres teatros do mundo emolduraram, como uma Mona Lisa ou uma Vénus de Milo.

Faz agora 110 anos que Margarida adormeceu, cadavérica, para todo o sempre, no seu quarto de dormir, num leito de Boule com caracóis nos pés e colunas sobrepujadas por gómsis, com entrelaçados de vinha, no meio dos quais folgavam os amores. A doença pertinaz que a minava foi o seu epílogo de corteza. Paris sentiu o vácuo do seu apartamento, teve uma lágrima discreta, a despeito de no seu funeral figurarem apenas Perrègaut, Aguado, Delessert, Montjoyeux e Romain Vienne.

Morta Margarida Gautier, nada a reviverá. Apenas o livro «Dama das Camélias» continuará a reeditar-se como uma reafirmação da sua eternidade: o seu túmulo de Montmartre continuará a refulgir-se, em cada Primavera renascida, cantando o seu amor além da vida, cantando a sua vida além da morte, numa imagem de Taj Mahal, que o Xá Jehan mandou edificar em memória da sua esposa Muntaz-i-Mahal.

Assim, o seu amor de Madalena continuará a exalar o perfume embriagante de todas as almas enamoradas. Porque... à imagem de Madalena Arrependida, Margarida Gautier eternizou-se como a mais sublime história de amor de todas as literaturas...

António Augusto Santos

Dicionário Enciclopédico

DE DATAS

Da autoria de José Vacondes e Rui Neves e num empreendimento editorial, de Gomes & Rodrigues, Lda., de Lisboa, acabam de aparecer mais dois fascículos — os n.ºs 3 e 4 — desta útil obra, que vem confirmar amplamente as referências elogiosas que lhe tinham sido feitas unanimemente pela crítica.

Com estes dois fascículos, de 43 páginas cada, inteiramente dedicados à Alemanha, ficou completado este País, estando indicados para os fascículos a sair no próximo mês os países: Andorra e Austria.

Desejamos fazer referência ao cuidado com que são tratadas neste Dicionário Enciclopédico as biografias das celebridades de cada país, dando para a maioria a data exacta da morte e do nascimento e os locais onde se efectuaram, dados estes que muitas vezes, não temos encontrado em trabalhos estrangeiros de renome mundial.

Por estes quatro fascículos já publicados com inteira regularidade, não temos dúvida em afirmar que os volumes que constituem a obra depois de completa, muito prestigiarão o movimento editorial português, como sendo um trabalho de fôlego e seriedade digno de tomar parte ao lado das melhores obras de consulta de todo o mundo.

Os pedidos de informações e aquisição do Dicionário Enciclopédico de Datas podem ser feitos para Gomes & Rodrigues, Lda., — 17, Largo de D. Estefânia, 22 — Lisboa.

NÃO COMPRE

Motores Eléctricos, Diesel e a Petróleo

sem primeiro visitar o

STAND

de José de Sousa Pedro

Rua 5 de Outubro, 29 a 33

LOULÉ

EMPREGADA

De preferência com prática de cabeleireira.

Nesta redacção se informa.

Folhetim de «A VOZ DE LOULÉ»

Número 30

JEREMIAS GOTTHELF

A aranha negra

(ROMANCE)

Traduzido do Alemão por E. Rocha Gomes

quase três séculos e a benção de Deus nos campos e nos prados já há muito que não tinha ali lugar. E no entanto a família não queria abandonar nem construir uma nova casa, pois tinha bem presente o que acontecera anteriormente. Tão embaraçados se viram que consultaram um homem sábio que dizem ter morado em Halebach. Este respondeu que podiam muito bem construir uma casa nova no sítio da velha e em nenhum outro, mas duas coisas tinham que conservar — a velha vigia onde está a aranha e o velho espírito que foi capaz de a domar. E com isto as velhas benções não abandonariam a velha casa.

Fizeram a casa nova e ajustaram-lhe com orações a velha vigia e a aranha não se mexeu e o bom espírito e as benções não se modificaram. Mas o tempo foi passando e a Nova casa também se tornou velha e pequena, carunchosa e pôde a sua madeira, só a vigia permaneceu firme e rija como ferro. Quis meu pai que se fizesse nova construção, pois tinha meios para isso, mas eu opunha-me; até que depois de muita hesitação me resolvi. Fiz como os meus antepassados, ajustei a velha vigia ao edifício novo e a aranha não se mexeu. Mas tenho que confessar que em dias de minha vida nunca rezei com tanto fervor como quando tinha a fatídica vigia entre as mãos, sentia uma ardência enorme pelo corpo e involuntariamente mirava-me bem por toda a pele para ver se estavam a aparecer algumas manchas negras e era como se me saísse um peso das costas, quando vi que não havia nada a recear. Então é que se afirmou em mim a convicção de que, enquanto fôssemos tementes a Deus, tanto eu como os meus filhos e netos, nada teríamos a temer da aranha.

Quando o avô se calou ainda não tinha passado o arrepiço que passou pela espinha dos convivas, quando souberam que ele tinha tido

Todavia a acção de Cristeu já mais foi esquecida. Os seus filhos foram educados cristã e honradamente nas casa de maior religião e nos seus bens ninguém tocou com um dedo, embora não houvesse deles escritura. Aumentaram-nos e cuidaram deles e quando lhes foram entregues os seus haveres, não só não se viram enganados na sua riqueza mas também muito menos nas suas almas. Fizeram-se criaturas bem formadas e respeitadoras da Santa Madre Igreja que achavam mercês em Deus e simpatia nas pessoas, benções na vida, e no céu ainda mais. A aranha já ninguém a temia, porque se temia a Deus, e assim como era, assim há-de ficar, se Deus quizer, enquanto aqui existir uma casa e enquanto os filhos seguirem os pais nos caminhos e nos pensamentos.

O avô calou-se neste ponto e todos se mantiveram calados por muito tempo, uns meditando ainda no que ouviram, outros porque julgavam que ele tomava fôlego para continuar.

Por fim a voz do padrinho velho rompe o silêncio: «Eu sentei-me muitas vezes na mesa redonda e ouvi falar no enterro, e que depois dele todos os homens do vale seguiram o uso de se sentarem a ela. Mas tudo o que ouvi entrava-me por um ouvido e saía-me por outro, porque cada um contava as coisas a seu modo. Mas agora diz-me: Onde obtiveste tanta informação?»

O avô recalcou por um instante a voz e depois disse: «Eu explico: Isto herdou-se entre nós de pais para filhos e, quando a memória disto se perdeu entre as pessoas do vale, conservou-se este conhecimento muito em segredo em nossa família e não se deixou transpirar nada para fora. Só em família se falava disto para que nenhum membro se esquecesse de que o construir ou destruir uma casa, pode trazer benções ou afastar benções. Tu bem ouviste da boca da minha velhota como lhe custa, quando se fala deste acontecimento em público. Mas parece-me que quanto mais tarde, mais urge falar do caso e não importa que o orgulho e a vaidade lhe ponham dúvidas. Por isso já não faço tanto mistério e já não é a primeira vez que conto entre bons amigos.

Penso sempre que o que conservou a nossa família feliz durante tantos anos não prejudicará os outros e não está certo que se faça segredo daquilo que é felicidade e as benções de Deus.

«Tens razão, primo», respondeu o padrinho, «mas sempre desejava saber se a casa que demoliste há anos era a primitiva. Custa-me quase a crer que fosse».

«Não», disse o avô. «A casa primitiva já ameaçava ruína há

a vigia nas mãos e todos pensaram de si para si o que seria deles, se também tivessem de fazer o mesmo.

Após curta pausa o primo comentou: «Só é pena não se saber bem onde acaba a verdade e onde começa a fantasia de tudo isto. Alguma coisa de autêntico há com certeza, senão a velha vigia não estaria ali».

«Haja o que houver, sempre se podem tirar muitos ensinamentos disto», sentenciou o padrinho, «e até julgo que a lição foi muito curta, pois me parece que só há pouco é que viemos à igreja».

«Agora não lhe puxem mais pela língua, «disse o avô», senão ele começa outra história e presentemente o que eu quero é que comam, e bebam — até me sinto envergonhada por ninguém tocar na comida.

Deixemo-nos mas é de histórias tristes. Valha-me Deus. Nem sei para que puxaram esta conversa».

Todos comeram e beberam com vontade, trocaram-se ditos de espírito e por fim surgiu no céu uma lua cheia e doirada e miríadas de estrelas luminosas que saíam dos seus quartos de dormir para avisar os homens de que eram horas de irem para casa deitar-se.

Bem viam eles os avisos, mas sentiam-se muito bem onde estavam e cada um sentia umas pancadas especiais por debaixo do coleto quando pensava em regressar a casa; efectivamente, embora ninguém o declarasse, o que é certo é que ninguém queria ser o primeiro a retirar-se.

Finalmente a madrinha levantou-se da cadeira e dispôs-se, com o coração aos saltos, a sair, mas não lhe faltaram mais animosos para a caminhada: e uns após outros, todos os convidados abandonaram a casa festiva com muitos agradecimentos e desejos de saúde e felicidade, depois de um e todos receberam pedidos insistentes para se deixarem estar mais um bocadinho, porque ainda não estava muito escuro.

Em breve se estabeleceu o silêncio à volta e depois dentro de portas. Havia paz no vale, a casa luzia limpa e linda por entre o vergel, guardava desvelada e amorosamente aquela família honesta no seu sono sereno como o sono do justo que tem temor a Deus e uma consciência limpa, e nunca serão despertados pela aranha negra, mas sim e sempre pelo sol amigo. E que onde mora tal espírito nunca a aranha se pode mexer, nem de noite nem de dia. Todavia a força que ela adquire quando o espírito se muda só a conhece Aquele que tudo sabe e atribui todas as forças, tanto às aranhas como aos homens.

F I M



II EXPOSIÇÃO TÉCNICA DE CALÇADO

NO NOVO PALÁCIO DE CRISTAL.
PORTO • DE 21 A 27 DE OUTUBRO DE 1957



TODOS OS SRS. INDUSTRIAIS INTERESSADOS EM EXPOR
OS SEUS PRODUTOS, PODER-SE-ÃO DIRIGIR AOS SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS
DA II EXPOSIÇÃO TÉCNICA DE CALÇADO QUE FUNCIONAM NO
NOVO PALÁCIO DE CRISTAL, TODOS OS DIAS DAS 9 ÀS 13 E DAS
14,30 ÀS 18 HORAS • TELEFONE, 27369



Notícias pessoais

Fazem anos em Outubro:
Em 19, a menina Magna Maria de Sousa Gema.
Em 22, o sr. João de Sousa Dias, residente em Lisboa.
Em 26, a sr.ª D. Maria Antero do Nascimento Viegas de Sousa, Dias, residente em Lisboa, e a menina Maria Bernardete de Matos Ruas.
Em 27, a sr.ª D. Maria José Cristóvão da Piedade Mata e D. Maria da Conceição Lourenço da Silva, residente em Lisboa.
Em 29, os srs. Cristóvão Pinto Leal, Cristóvão de Sousa Leal e Guilherme João da Silva.

PARTIDAS E CHEGADAS

— Acompanhado de sua esposa, sr.ª D. Lúcia Faisca Zacarias e filha, sr.ª D. Maria Ascensão Faisca Zacarias, encontra-se entre nós, vindo da Venezuela, o nosso prezado assinante naquele país sr. José de Sousa Zacarias.
— Retirou para Lisboa, onde vai fixar residência, a menina Olga Maria dos Santos Mendes, filha do nosso prezado assinante em Faro sr. Sebastião Mendonça.
— De visita à sua terra natal, está em Loulé com sua esposa, sr.ª D. Filipa da Conceição Correia, o sr. Cristóvão Anselmo Contreiras, residente na Venezuela.

BAPTISMO

— Realizou-se no dia 30 de Setembro na Igreja Matriz desta vila o baptismo do menino Orlando Luís Bartolomeu, filho do sr. Francisco Bartolomeu e da sr.ª D. Manuela Luís Bartolomeu. Apadrinharam o acto, o avô paterno, por procuração do sr. Luís Nunes Bartolomeu (ausente no Canadá) e a menina Orlanda Maria Luís Ramos.

CASAMENTO

— Realizou-se, no passado dia 28, na Paróquia de S. Sebastião de Loulé, o enlace matrimonial da sr.ª D. Maria Laurinda Martins, gentil filha da sr.ª D. Maria Laurinda e do sr. José Segundo Martins, funcionário dos C. T. T., residentes no Barranco do Velho com o nosso prezado assinante sr. Joaquim Guerreiro Martins (Laginha) empregado da E. V. A. filho da sr.ª D. Maria da Piedade Guerreiro e do sr. Joaquim Martins Laginha, proprietário, residentes em Loulé.
Paraninfaram o acto, por parte do noivo os srs. João Farrajota Alves, conceituado proprietário em Loulé e José de Sousa Oliveira, sócio tesoureiro da E. V. A. e por parte da noiva, sua irmã D. Laurinda Maria Martins e D. Benilde Gonçalves de Oliveira.
Presidiu ao acto o Rev. Padre João de Jesus Martins que, na altura própria, dirigiu aos noivos uma tocante alocução.
Após a cerimónia, foi servido, na casa dos pais da noiva, um abundante «copo de água».
Ao jovem casal, auguramos um futuro cheio de prosperidades.

Quarteira

Professora, pretende alugar casa ou hospedar-se em casa particular.
Nesta redacção se informa.

Venda de um terreno sítio no melhor local de Loulé

Vai à praça no dia 23 de Outubro de 1957, pelas 16 horas, à porta da Agência da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, em Loulé, um terreno com área aproximada de 330 m² na Praça da República, em Loulé, freguesia de S. Clemente, com a base de licitação de Esc. 200.000\$00.

O preço da arrematação poderá ser pago em prestações, dando-se mais informações na Sede da mesma Caixa no Largo do Calhariz em Lisboa e na aludida Agência em Loulé.

QUARTEIRA, A PRAIA DE LOULÉ

(Continuação da 1.ª página)

Voltamos assim, à linha inicial destas considerações que era a de que se há um Plano de Urbanização que foi objecto de estudo, apreciação e apuração por parte das entidades que sobre ele têm de se pronunciar, se a sua evolução levou tantos anos de estudo, peregrinação por Comissões, Conselhos, Juntas e instâncias, como é que há quem se atreva a preconizar que seja alterado, isto é, que regressasse à via sacra de formalidades que levaram anos a cumprir e desbastar?

Quarteira, tem de ter o seu Plano de Urbanização aprovado e quanto mais depressa melhor, para que, partindo de um posto fixo e determinado, se encaminhem, dirijam e orientem todas as diferentes actividades e esforços num sentido profícuo e eficiente.

Há muita gente que tem querido construir em Quarteira e acaba por desistir por não haver uma indicação clara, concisa e definida sobre local e características dominantes do tipo de imóvel.

Isto representa prejuízo.

Pode, eventualmente aparecer quem esteja disposto a aplicar determinado capital na construção de uma pensão ou hotel, ou mesmo de um bloco de casas para alugar, mas perante as dificuldades e dúvidas de localização, acaba por desistir.

E quando é que outro aparece com a mesma disposição e intensão?
Quarteira precisa em pri-

RAFFLANBAUL

A máquina que está revolucionando a Indústria de Calçado em Portugal
UMA MARAVILHA DA TÉCNICA ALEMÃ!

Convidamos os senhores INDUSTRIAIS DE CALÇADO DE LOULÉ a uma visita à
II EXPOSIÇÃO TÉCNICA DE CALÇADO

onde estarão em pleno funcionamento, de 21 a 27 de OUTUBRO
no novo Palácio de Cristal, do Porto, os diversos tipos de máquinas

RAFFLANBAUL

que executam com incrível rapidez e perfeição, todas as operações de manufactura de calçado

Quem estiver interessado em acompanhar o progresso de tudo o que se relacione com a indústria de sapataria, não deve perder esta excelente oportunidade de verificar CONCRETAMENTE as enormes vantagens económicas de mecanização do fabrico de calçado, pois só assim é possível competir com a concorrência actual.

Máquinas REFFLANBAUL para palmilhar, pontear, facetar
e para todos os acabamentos

Para informações detalhadas consulte o AGENTE GERAL NO ALGARVE

JOÃO MARTINS RODRIGUES

21 — Rua Vice-Almirante Cândido dos Reis

23

Telef. 246

LOULÉ

FIGO INDUSTRIAL

(Continuação da 1.ª página)

gravíssima para a economia regional.

Quer isto dizer que a expectativa em que a lavoura se tem mantido desde que lhe foram prometidas providências acabou numa tremenda desilusão e ainda por cima por um despacho que, não se sabe por que força oculta esteve ciosamente guardado (pelo menos para os algarvios...) durante 66 dias.

Sabemos que a Federação dos Grêmios de Lavoura está a trabalhar no sentido de obter de Sua Ex.ª o Senhor Ministro da Economia as providências urgentes que o problema impõe, mas perguntamos — : não a espera novo desilusão?

Professora

Diplmada pelo ensino primário particular e com longa prática, lecciona as 1.ªs letras e todas as classes do ensino primário.

Avenida José da Costa Mealha-109.

Eugénia Soares

Quarteira-Parceira-Parceira

Partos — Crianças — Tratamentos e Injecções

Av. José da Costa Mealha, 38

Telefone 257

LOULÉ

Empregada

Precisa-se, para consultório.

Tratar na Rua Joaquim Nunes Saraiva, 37 (Rua do Tribunal) das 13 às 15 horas.

AS NOSSAS ENTREVISTAS

(Continuação da 1.ª página)

Em Loulé nunca deixei de pugnar pela criação de uma escola técnica, até que, com base num admirável trabalho do distinto cientista o senhor Dr. José António Madeira, o devotado louletano senhor José da Costa Guerreiro, então presidente do Município, solicitou dos poderes públicos a criação de uma escola técnica na sua terra-natal.

Quando tive a honra de presidir aos destinos camarários da Notável e Honrada Vila de Loulé, uma das minhas primeiras liberações foi criar uma biblioteca e Museu, e pedir novamente a criação da escola técnica, deslocando até à capital uma selecta e valiosa comissão, obtendo de Sua Excelência o Ministro da Educação Nacional a promessa da sua criação num curto prazo. Foi pois com grande prazer que tive conhecimento da sua criação oficial, mas não com surpresa, porquanto, muito antes da publicação do respectivo decreto, havia trocado com o titular da respectiva pasta impressões a este respeito, tendo-me Sua Excelência garantido para muito breve a sua criação em Loulé, e prometendo-me a sua melhor boa vontade e simpatia na criação de um Jardim-Escola João de Deus em Faro, assim como passar o Liceu da Capital Algarvia a denominar-se Liceu João de Deus, título que possuiria dantes. Apraz-me registar aqui a agradável impressão da vasta cultura e irradiante simpatia que me deixou Sua Excelência o Ministro da Educação Nacional.

Estou certo de que o funcionamento da Escola Técnica em Loulé muito deve contribuir para o progresso do artesanato, do comércio e indústria do concelho, elevando o nível social do meio louletano. — Está pois Loulé de parabéns! — Faço votos para que o decreto e o regulamento porque se deve guiar a Escola Técnica, tenha inteira aplicação, no seu espírito e na sua letra, à feição local das actividades de Loulé e do seu concelho, não esquecendo até a modalidade agrícola, predominante neste grande concelho algarvio.

Por intermédio de a «Voz de Loulé» saúdo e felicito na pessoa do Senhor Presidente da Câmara, o devotado louletano senhor José João Ascensão Pablos, a Notável e Honrada Vila, com os meus mais sinceros e entusiásticos vo-

tos das maiores prosperidades para todo o Povo Louletano!...

A ninguém pode restar dúvidas — e muito menos aos louletanos — de que a intervenção do ilustre messinense, ao tempo Presidente da Câmara Municipal, de Loulé, foi uma achega muito valiosa para que a terra do Grande Ministro Duarte Pacheco, hoje beneficiasse de tão importante empreendimento.

Não lhe merece só Loulé a sua atenção, pois que, não se furtou a interessar-se por outras reivindicações algarvias, num momento feliz que se lhe proporcionou, ao avistar-se com Sua Excelência o Ministro da Educação a criação de um Jardim-Escola João de Deus em Faro, assim como para que o Liceu Nacional de Faro voltasse novamente a denominar-se Liceu de João de Deus.

O ALGARVE está ainda muito carente de melhoramentos que o enquadrem no lugar a que tem jus. Necessita de mais estabelecimentos de Ensino Técnico e Agrícolas.

E isso, só os Algarvios o podem conseguir.

Somos daqueles que nunca perdemos a fé de um dia poderemos verificar que os Homens de Boa Vontade — num movimento de boa compreensão e de verdadeira UNIDADE — cerrem fileiras num Bom Combate pelas aspirações justas e legítimas deste «Algarve das Trintas Léguas».

Luís Sebastião Peres

N. R. — No próximo número publicaremos uma entrevista com o sr. José da Costa Guerreiro em que se historia a batalha travada desde 1912 e agora coroada de êxito, para a criação da Escola Técnica.

SE DESEJA

comprar máquinas industriais e agrícolas, visite o Stand de JOSÉ DE SOUSA PEDRO

Rua 5 de Outubro, 29

LOULÉ



Não se interroge

Sempre que necessite de trabalhos tipográficos em qualquer género, deve confiar-lhes à Gráfica Louletana — Loulé

Máquinas modernas
Tipos novos e elegantes
Meticulosa execução

SEMPRE

Que deseje efectuar os seus seguros
Consulte:

Maria Madeira Cavaco Pereira

Av. Marçal Pacheco, 31-1.º LOULÉ

Que lhe proporcionará as mais vantajosas condições de seguros autorizados em Portugal em todos os ramos e todas as modalidades.

Propriedade

Vende-se uma propriedade de no sítio do Areeiro (Loulé) com muito arvoredo.

Recebem-se propostas em carta fechada reservando-se o direito de não aceitar caso não interesse.

Dirigir correspondência para Herdeiros de Manuel Martins Entrudo — Estação de Almaril.

R. P.